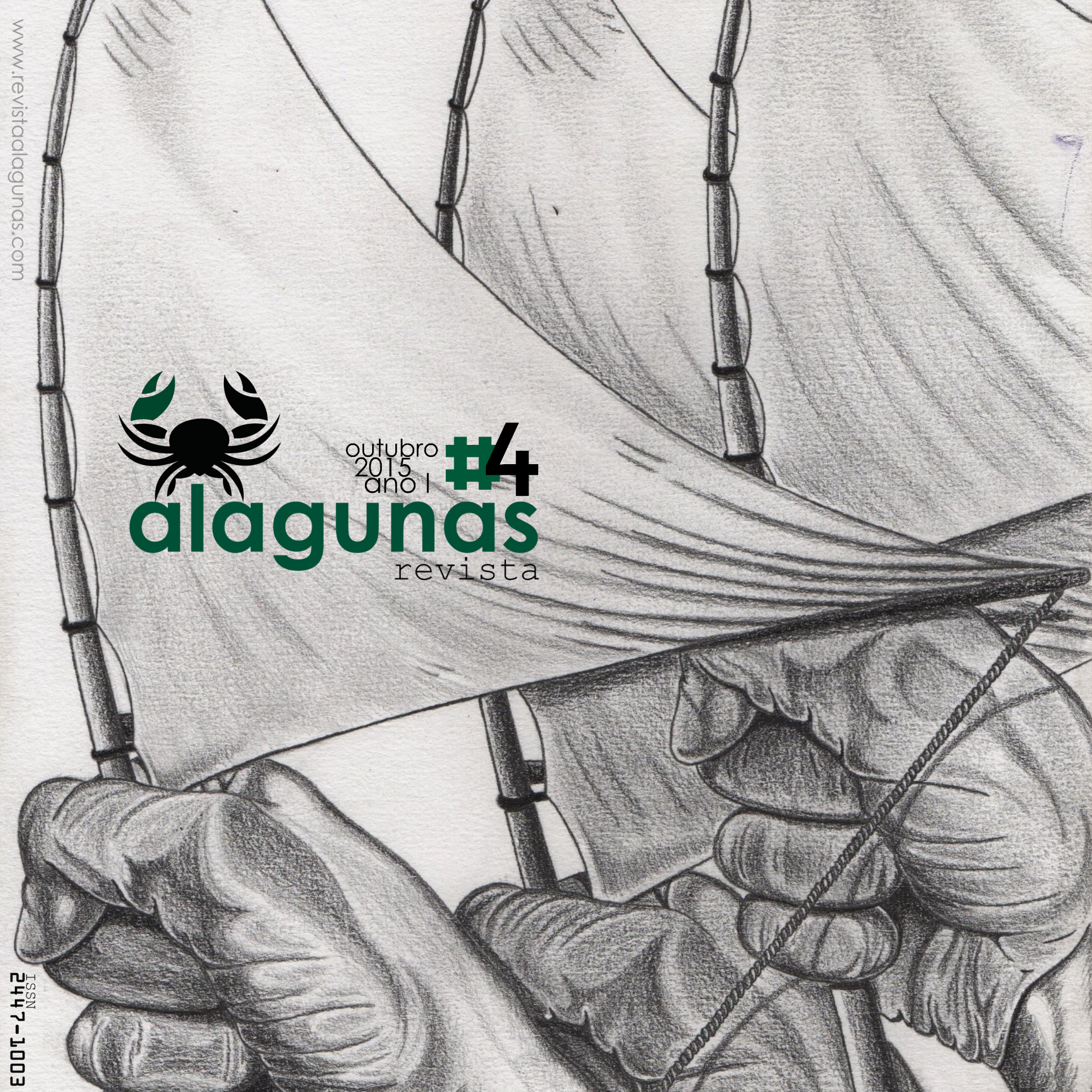




outubro
2015
ano I

#4

alagunas
revista



As edições da **Revista Alagunas** não possuem direitos autorais.
Podem e devem ser reproduzidas para fins não comerciais no
todo ou em parte, além de ser liberada sua distribuição,
preservando a fonte e o nome do autor.

revistaalagunas@gmail.com



www.revistaalagunas.com



/revistaalagunas



alagunas revista



@revistaAlagunas



outubro
2015
ano I

Vela
#4



Editor

Geovanne Otavio Ursulino

Editores adjuntos

Jarisson Albuquerque

Mácllen Luan

Paulo César Moreira

Conselho Editorial

Alberto Lins Caldas

Carlos Moreira

Patricia Laura Figueiredo

Autores

Alberto Lins Caldas

Ana Dantas

Bárbara Bento

Eliaquim Timóteo da Cunha

Geovanne Otavio Ursulino

Jarisson Albuquerque

João Carlos Lima de Moraes

Leonardo Amando

Luiz Felipe

Paulo César Moreira

Richard Plácido

Alagunas #4: Vela conclui o primeiro ano de publicações das edições ordinárias da Revista, com quatro edições ordinárias e uma Extraordinária. Com previsão para lançamento de mais uma Extraordinária em dezembro. Deste modo, fecharemos 2015 com seis edições da Alagunas. *Vela* marca também a inauguração do ISSN da Alagunas: 2447-1003, adquirido em agosto (o ISSN é a sigla em inglês para International Standard Serial Number. Em português do Brasil: Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas).

Esta edição conta com vinte textos (entre poemas, contos, crônicas e ensaios) de dez autores. Destes, cinco estreiam em nossas páginas. *Vela* tem a gravura que ilustra sua capa desenhada por João Carlos Lima de Moraes, atendendo cordialmente a pedido deste Corpo Editorial.

A Alagunas de número 4 é lançada no dia 25 de outubro de 2015. E busca reforçar as propostas perspectivas que fundaram a Revista. A seleção e publicação destes textos, e não doutros: é, por si só, um posicionamento da Alagunas diante daquilo que ela almeja alcançar – uma ferramenta perspectiva de enfrentamento da realidade por meio da literatura. A publicação destes textos, e não doutros: é uma manifestação da Alagunas diante do real. *Vela* é manifesto. Um manifesto político. No sentido mais radical do termo. Político no sentido de mobilidade, de plasticidade, de dinamicidade. Alagunas admite que toda cristalização, engessamento, imobilização e até retroatividade (como se houvesse para onde retroagir) são meios de sonegar a brutalidade deste horror que consome a carne e os ossos. Alagunas está em movimento. Em movimento contra a realidade positiva, contra a essência, contra a aparência.

Editorial

ISSN
2447-1003



Editorial	um
nota: alagunas, vento, vela Geovanne Otavio Ursulino	quatro
homero Alberto Lins Caldas	seis
poeira Geovanne Otavio Ursulino	oito
Vamisco Paulo César Moreira	dez
Sobre facas e ratos Richard Plácido	doze
a unha a retina Ana Dantas	quatorze
Palavrão Bárbara Bento	quinze
Vermelho Cereja Luiz Felipe	dezesseis
já era noite Ana Dantas	vinte e quatro
Soneto de circo Bárbara Bento	vinte e cinco
Limbotomia Leonardo Amando	vinte e seis
café ou achocolatado Geovanne Otavio Ursulino	vinte e oito
nao pode parar Geovanne Otávio Ursulino	trinta

outubro
2015
ano I

trinta e um	o verso o poema Alberto Lins Caldas
trinta e sete	como convidados Jarisson Albuquerque
trinta e oito	os amigos? Ana Dantas
trinta e nove	quebra-quebra {passarinho Paulo César Moreira
quarenta e dois	Assim eu ouvia Zaratustra [segunda parte] Eliaquim Timóteo da Cunha
quarenta e quatro	Proibido manicure Bárbara Bento
quarenta e cinco	Jangadeiros João Carlos Lima de Moraes
quarenta e seis	Jangadeiros [ilustração] João Carlos Lima de Moraes
quarenta e sete	Sobre os autores

alagunas vento vela

O termo que melhor descreve a condição social de hoje é liquefação. Os outrora inquestionáveis marcos de estabilidade, como Deus ou a Natureza, caíram no buraco negro do ceticismo, dissolvendo a identificação fixa de sujeito ou objeto. O significado passa, simultaneamente, por um processo de proliferação e condensação. Ao mesmo tempo vagando, resvalando, lançando-se nas antinomias do apocalipse e da utopia.

distúrbio eletrônico
critical art ensemble

a revista alagunas é fruto de sucessivas discussões de membros de seu corpo editorial de como criar ferramentas de resistência e até, e principalmente, de enfrentamento da realidade que se mostra. somos filhos, cronologicamente, do século xx. mas, ao nascer, já respirávamos os ares do desafiador século xxi. este ainda tem seus traços não muito bem revelados. se o século xviii foi o da filosofia, o xix o da história e o xx o das grandes guerras: a que se dá nosso século? no capitalismo dos nossos dias, no “nosso” capitalismo, inda não sabemos nitidamente quais suas especificidades fundamentais. a “vitória” do capitalismo na década de 1990, instaura, para esta geração, um mundo desconhecido. faz da nossa sociedade, como assinala zizek, o frankenstein da fábula: [achamos que] sabemos o que procuramos, mas não sabemos nem como nem onde procurar. talvez, mais do que em qualquer outro momento, tudo o que um dia já foi sólido se dissolveu no ar: televisionado ao vivo e amplamente divulgado nas redes sociais. ao contrário do que previa *1984*, *v de vingança* e *laranja mecânica*, assim como tantas outras obras do xx: a nossa ditadura não se dá por meio da centralização do poder nas mãos dum partido autoritário que se utiliza de ferramentas claras de cerceamento da liberdade: nossa ditadura não tem um rosto ou uma voz, cores ou bandeiras, exércitos ou grades: [muito bem descrita na célebre trilogia de filmes dos irmãos wachowski] a nossa ditadura é uma “ditadura cristalina”: na nossa ditadura – o poder se dá pela ausência.

esta incerteza e instabilidade, característica cotidiana de nosso tempo veloz, causa vertigem entre os nossos. porquanto, não é raro encontrar jovens portando discursos românticos, floreados por suspiros saudosistas sobre o século xx, seus artistas, seus teóricos, seus políticos; e até aqueles que “vivem” como estivessem neste [vide os não raros movimentos de jovens que se trajam e até falam como estivessem, principalmente, nos anos 1960, empreendem “clubes retrôs”, protagonizam acaloradas discussões sobre quais os motivos de o p&b ser melhor que o colorido, e praguejam contra as obras do “seu” tempo]. dito isto: não é dito que tais atividades são passivas de desmerecimentos: mas é dito como elas são reflexos do nosso tempo. não negando também que outras gerações tenham passado por isto [vide o dandismo no século xix]: mas é inegável que em nosso tempo tais discursos tenham ganhado considerável proporções: principalmente entre os jovens que frequentam círculos intelectuais [vide os “cults”, “hipisters”, a esquerda mais atrelada à academia com seu curioso retorno a trotsky {principalmente se observado que há não muito tempo a alcunha de “trotskista” era um insulto}]. longe dum raso presentismo: alagunas se propõe a “observar” tudo isto. a razão primeira de sua existência é criar propostas de pensamento dentro destas condições: e não as negar. nestes termos: alagunas é “positiva” [schopenhauer].

não há um passado para onde se voltar: nunca houve tribos comunais como, honestamente, queriam os revolucionários do xix: nunca existiu o “homem natural” feliz correndo pela floresta: o brasil não seria melhor se os holandeses tivessem vencido: e todo deus ou natureza há muito sucumbiu. a experiência do século xx aniquilou muito mais que cidades e populações: aniquilou junto, e principalmente, o futuro.

dada as condições que se apresentam: alagunas busca ferramentas de enfrentamento. por isto alagunas é proposta e não resolução: é potencialidade e não fim: é caos e não padrão. alagunas assume este tempo: porque [nas palavras de bauman, em *vida líquida*] – “já que veio à luz, não se pode evita-lo nem apaziguá-lo”.



homero

- agora vem homero •
- esse cego filho da puta •
- desfazendo pra nada o q fizemos •

- tudo q ele faz é assim •
- como se não tivéssemos vivido •
- ele inventa sempre outra coisa •

- outra carne outros ossos •
- nem foi assim tão belo e facil •
- nem foi assim tão terrível •

- como é pra ele viver •
- com lady jane e suas loucuras •
- q é como viver com um tubarão •

- agora vem homero •
- esse cego filho da puta cantar •
- as coisas dele como se nossas •

- porq assim parece q vivemos •
- q navegamos o grande velho mar •
- nos batemos e sangramos e tudo •

- so pra esse velho baiacu •
- cantar o q ele delira com lady •
- jane juntos com essa boca suja •

- ele e essa lady jane vinda •
- não se sabe de onde q invade •
- os sonhos os desejos de todos •

- agora vem homero •
- esse cego filho da puta bebado •
- faminto q so vem pra comer •

- se não fosse lady jane e aquelas •
- coxas q parecem as colunas •
- do templo de atena homero •

- ja teria morrido de fome •
- porq so faz inventar mentiras •
- como se a guerra fosse so dele •

- como se lady jane fosse so dele •
- como se todos so vivessem •
- pra terminar na lingua dele •

- agora vem homero •
- esse cego filho da puta e coxo •
- mastigando panquecas de alho •

- sei q ficara aqui com esse bafo •
- de panquecas de alho e whisky •
- contando historias q delira •

- sem saber q o q se vive não se •
- canta não se conta q o q se •
- vive se consome some no viver •

- qualquer dia desses vou dizer •
- o q lady jane faz enquanto ele •
- fica em casa cantando bebado •

*

alberto lins
caldas

*

bato poeira pela casa
espirros ecoam pelos comodoss
os criando

devo bater poeira ha
uma centena de outonos
ou duas talvez tres
o nariz despedaçou
como a garganta pulmao e ouvidos

nao enxergo muito
nao ha janelas ou portas
e meu olho esquerdo arranquei ha tempos
doia como os dentes
q tiveram o mesmo fim

é sempre frio e escuro
nao sei quanto tempo ca estou
sei quando é outono :ouço com
o ouvido grudado à parede fria
o canto dos passaros

nunca ouvi passaros cantando
nao sei o q ha entre passaros e outonos
:sao palavras q lembro

nao sei como cheguei
quando me dei conta
ja estava
ja era
ja andava
ja via
ja falava

batendo poeira e espirrando

nunca houve ninguem
apenas eu
a poeira e
os espirros

poeira

geovanne otavio
ursulino





Vamisco

O peso é a minha mão e eu te sufoco! Despenca no ar na parede - oh vampiro de olhos cegos e miudos. Solta a tua secura na cerâmica e pousa a tua morte em minha fúria - sem ela não serias nem percebido.

Outrora caça o meu sangue agora cochila no fim dos séculos, sem saber de qualquer hora ou precisão, és tão calmo como o antes o passado. Esfria o teu corpo na solidão sem vida enquanto milhares dos teus dançam lá fora – a dança da fome.

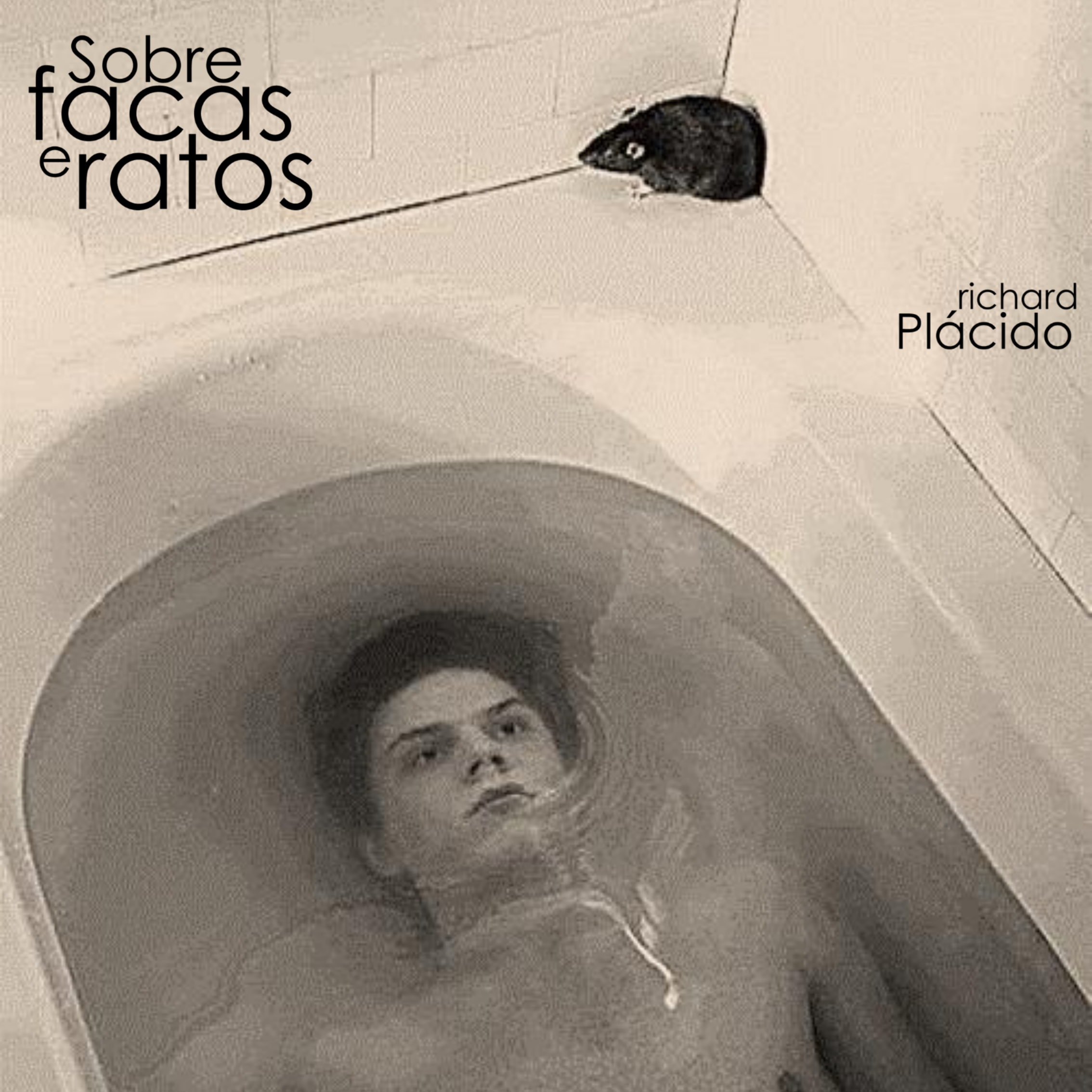
Desaparece! Atravessa o portal dos mundos, descobre os segredos; a extinção não é nenhum jogo novo.

Descansa na subdivisão do azulejo, deforma-o para o nada, pergunta se afunda – ele nada dirá; És tu! Sem roupa ou vôo de qualquer maneira - desajeita e não se fala mais.

Enquanto me divirto em filosofias obscuras, olho e não estas mais lá. Nem embaixo, nem atrás. Ressucitar não é teu forte. Tuas asas não são tão fortes. Teus músculos e perninhas não são tão fortes. Agil é o teu ouvido, teu movimento ruidoso.

Sumindo - nas correntes que arrastam o ar - leva junto o tempo, despedaçando sua forma nas montanhas espaciais - Encruzilhada - tu que é a oferenda! Delicia-te na boca desdentada, sem língua original dos deuses silenciosos.

Na hora mergulha no mar de cubos cerrados, o corpo mosquito desde então já velado, abraça-o e vai embora ao espaço duma barra.



Sobre facas e ratos

richard
Plácido

Quero cortar sua garganta. Foram as palavras que ouvi de Heitor, naquela tarde refrescante de um verão recém-chegado.

Parecia uma ameaça. Mas o tom amigável da sua voz passava a mesma confiança do início do relacionamento. O olhar de Heitor era direto, seco; sua voz confiante me emitia pequenas ordens diariamente, todas prontamente atendidas. Somos casados há muitos anos. Nunca tivemos filhos, também nunca pensamos em adotar. As pessoas cobram. Até tentamos algumas vezes, cheguei a fazer tratamento hormonal, mas até hoje nada aconteceu. Já nos acostumamos. Também não criamos animais. "Talvez um gato", ele costuma dizer, pois a quantidade de ratos aqui em casa está beirando o insuportável. Concordo, mas minha irmã tem alergia.

Ano passado, meus pais ligaram e avisaram que Lorena estava completando dezoito anos e queria prestar vestibular em alguma faculdade por aqui. Percebi a indireta e a convidei para morar conosco. Seria bom ter uma companhia feminina em casa. Heitor conversa pouco e vive fazendo hora extra no trabalho. O problema é que Lorena é muito descuidada e preguiçosa. Até agora não passou em nenhuma faculdade. Conversamos que ela deveria arrumar um emprego. Promete empenho, mas não se mexe. Nem nas tarefas de casa ela quer me ajudar.

Estou na cozinha e ouço a porta abrindo. O boa noite rouco de Heitor preenche o ambiente. Lorena está na sala assistindo TV e responde secamente. Ele se senta ao lado dela e pede que prepare um café. Heitor está cansado da preguiça de minha irmã e também exige pequenas tarefas a ela. Ao contrário de mim, Lorena demora a atendê-lo.

Um odor de barata se alastra por toda a cozinha. Por onde elas passam vão deixando fétidas secreções de alerta, que exalam um tenebroso ranço, uma mistura de amônia e merda. Mas Lorena não sente nada, seus olhos procuram apenas o pacote de café torrado. Um rato passa rapidamente entre suas pernas. Ela sente cócegas nos pés, mas não percebe. Há ali uma amistosa convivência entre Lorena e os bichos. Heitor chega à cozinha e cobra o café que ainda não está pronto. O rato, que estava escondido embaixo da pia, reaparece. Heitor se paralisa, assustado. Enquanto isso, uma barata corre por sua mão e solta aquela pasta podre. Percebo o sorriso sarcástico de Lorena.

Ao notar que tomo a frente e começo a fazer o café, minha irmã volta para a sala. Heitor me encara, direciono meu olhar para a cafeteira. "Você precisa falar com seus pais, Joana". Eles são idosos e sonham com um futuro brilhante para as filhas. Se resolvo devolver Lorena, tanto eu como ela seremos fracassadas, e eles podem morrer de desgosto. Termino o café e entrego uma xícara a Heitor, que, impacientemente, corta um pedaço de pão.

Lorena aparece na cozinha e reclama que estamos falando dela pelas costas, que vai deixar essa casa, e que sou uma imprestável. Começo a chorar, não é possível que depois de tanto protegê-la eu acabe por receber esse tipo de insulto.

O rato passeia novamente por nós. Lorena já tem os olhos secos e Heitor a abraça por trás. A faca entra lentamente em sua barriga, afundada até o cabo. Lorena chora, Heitor sorri. O rato passa meio desnortado, sem entender o que está havendo. Agora, está no meio da cozinha, pulando nas pernas de Lorena, confuso. Deita no chão frio e dá seus últimos guinchos, as pernas gordas e peludas se esticam, o rabo também. Lorena sorri, deitada ao lado do rato banhado de sangue.

a unha a retina
a pele é fina e sangra
nos gestos a brusquidão
a loucura é apática
não liga pra dor do sangrar
com as próprias mãos rasga-se
:sangra sangra

os dedos calejados grossos
sangram
rasga-se o lençol
espanta-se a mão que acalma
e sangra

*

ana
Dantas

Palavrão

A palavra é uma dor no nervo ciático,
É um tiro de raspão,
Que fere, mas não mata
A palavra é hepática,
Causa pena e comoção,
É um pensamento ricocheteado,
Que cai na boca do mundo
Ora como riso, ora como choro
A palavra é dona do próprio nariz
E sai agalopada de um coração venenoso
Mas no último suspiro é só ela que salva,
Ainda bem que os mudos também falam.
Palavra é um desejo despercebido,
um sentimento desavisado,
É um cisto que precisa ser retirado,
senão incomoda,
que nem cisco em lente de contato.

bárbara
Bento

Vermelho. cereja

Luiz
Felipe

Um desagradável silêncio calhava entre nós. Ela fingia ler o jornal da manhã, enquanto eu consultava com um interesse fora do comum os detalhes da xícara de café. Não era nada extraordinário, nada sui generis. Apenas uma camponesa que, pela maneira como se vestia, lembrava os tempos feudais. Colhia trigo em um mórbido campo mal ilustrado. Parecia feliz a camponesa. Com uma mão segurava o cesto, com a outra sugeria apanhar o cereal. Fazia o seu trabalho com um sorriso decorando o pequeno rosto. Olhei para Paula. Era silêncio até mesmo em seu semblante sisudo. Olhei para a camponesa. Sorria. As mãos de Paula segurando o jornal. Macias. Eu já havia tocado. Pequenas e delicadas mãos. As mãos da camponesa. Magras, finas e calejadas.

– Por quê, Paula?

Finalmente disse, quebrando o silêncio.

– Por que o quê? – Respondeu meio sem querer, meio sem vontade, já querendo se irritar.

– Por que essa infelicidade... essa desolação... essa aversão a mim...? Já não sei o que devo fazer. Tentei tudo. Faço tudo o que você me pede. Atendo a todas as suas exigências, mesmo sem apreciar muitas delas.

– Eu sei.

– Você sequer olha para mim enquanto fala.

– Eu estou lendo, Louis.

– A porcaria de um jornal é mais importante do que o nosso casamento. Olhe para mim enquanto eu falo com você.

Fui mais rude do que devia ser, do que queria ser. Percebi a grosseria assim que terminei de dizê-la, mas não me redimi. Esperei por Paula. Esperei que dissesse alguma coisa.

Odeio você, Louis.

Não. Ela não disse, mas li seu rosto, li seu olhar me dizer.

Seus olhos, aqueles olhos verdes escuros tão nobres, tão vivos, tão... fumegantes para mim. Mesmo sem um salpico de amor neles, eu amava-os.

– Não me olhe assim. Por que você me olha assim? Eu só estou tentando tornar isso agradável para nós. Não faça isso. Não dificulte as coisas para você. Deixe-me...

– O quê? Deixar o quê?

– Fazê-la feliz.

– Ok. – Ela respirou fundo Mas hoje não, eu estou enervada. Vou para o quarto me deitar.

Um sentimento se apossou de mim. Era raiva, era ódio. Vê-la ir dando-me as costas como quem dá a qualquer importuno me fez sentir irado. Estava prestes a repreendê-la quando me dei conta do que ocorria ali. Paula, antes de se atirar pelos degraus no centro do salão, repousou seu olhar sobre um jovem que jantava em uma mesa no extremo nordeste da sala. Foi um gesto rápido. Pouco perceptível, na verdade. Vi quando ela lhe lançou um sorriso. Imagine só, um sorriso. Desmoronei. Juraria que tinha ouvido algo dentro de mim se quebrar. O que significaria aquele sorriso? Teria essa a quem tanto estimo e prezo me traído ou teria qualquer intenção em fazê-lo?

Eu morreria. Juro por Deus como eu morreria. A mim nunca deu nada além de desprezo, mas a esse estranho ela lhe entregou o olhar e o sorriso fácil e prontamente. Olhei para o sujeito. Talvez mais que isso. O mais correto seria dizer que o analisei visceralmente. Era jovem, bem mais jovem do que eu. Devia ter a mesma idade de Paula. Uns vinte e cinco anos. E, de fato, merecia uma boa reparada. Tinha feições nobres como se tivesse saído das entranhas de uma rainha; os cabelos pretos caíam graciosamente pelo pescoço, desfechando-se sobre o suéter vermelho que usava. Os lábios eram tão finos e corados que lembravam uma pequena e delicada cereja. Mas, como se fosse pouca a beleza, era ainda orgulhoso do impacto que ela causava nas pessoas. Em outra mesa, um grupo de mocinhas fogosas olhavam-no e cochichavam. Riam e cochichavam. Flertavam e cochichavam. Alheio ao fascínio que ocorria à sua volta, encontrava-se absorto em seu congênito ar de superioridade. Inveja era tudo o que eu sentia, porque fora capaz de conseguir um sorriso de Paula, ao passo que eu só tinha o seu desdém.

Custei naquele encantamento, somente quando o rapaz deixou a mesa, voltei-me à realidade. Levantei-me e sem questionar o porquê, eu o segui até o *toilette*. Quando me viu no reflexo do espelho do banheiro, o jovem lançou a vista aos pés, num gesto de timidez. Aproximei-me, mirando-o, estudando-o, sem me dar conta do que aquilo pudesse significar. Apontei para o porta-papel, mais para tornar aquela situação menos estranha do que por necessidade de usá-lo, pode me passar um papel? Eu lhe disse. Quando me entregou o papel, segurei a sua mão (fina e macia) e examinei o anel que usava no anelar. Nele, uma pedra vermelha cintilava fortemente. Acaricieei-o. Sorri.

– Não é antigo. Advoga há muito tempo?

– Eu me formei ano passado, na federal do Rio de Janeiro. – Parou, como se procurasse algo mais para dizer – O senhor gostou? – olhava-me com estranhamento.

Recompus-me, largando a sua mão.

– Gosto da cor. Mas você não é muito novo, rapaz? Digo, a maioria dos meninos da sua idade estão por aí... viagens, festas, mulheres.

Ele sorriu aliviado.

– Não sou tão jovem assim. Já fiz vinte e quatro anos. Admito que sou recluso demais, mas isso não me afeta, nem me desagrada, somente aos outros, pelo que posso constar. Além disso, estou no meio de uma excursão. Um propósito pessoal. Conhecerei toda a América até dezembro, mas antes eu quis visitar o Nordeste. É por esta razão que estou neste hotel, neste banheiro, com um completo estranho encantado com o vermelho do meu anel de formatura.

Estendo-lhe a mão direita. Perdoe-me, digo, sou Louis Otto, professor de linguística e literatura na universidade de São Paulo. Estou em Recife por razões acadêmicas, congresso nacional dos estudos das línguas indígenas. Nada tão empolgante como uma aventura pela América, mas, de certa perspectiva, é bastante interessante.

– E importante, julgo eu. – Ele disse – Morei em Manaus, quando menino. Vi de perto as lutas dos indígenas pelo reconhecimento dos seus direitos. A preocupação em documentar e preservar suas línguas é de um valor cultural inestimável. Vi o senhor no restaurante.

Enrubesci.

– Viu?

– O senhor não deve ter percebido, certamente. Estava ao lado de uma bela moça. O seu ar esotérico me chamou a atenção.

– O ar esotérico da moça?

– O do senhor.

Não escondo a minha surpresa.

Sim, ele prosseguiu, eu confabulei muito a seu respeito, mentalmente. Não pense que sou louco ou algo assim. Sempre faço isso. As pessoas que não conheço são objetos curiosos para mim. Não todas as pessoas, é claro, somente as que considero peculiares, de alguma forma. Quero dizer, o senhor me pareceu... me parece, julgando-o sem conhecimento ou profundidade, comedido, recatado e, se permite uma descrição atrevida, um pouco austero. É claro que provavelmente nada disso deve ser verdade. São julgamentos infantis e preconceituosos, faço-os apenas como modo de me entreter mentalmente. O fato é que essa minha interpretação do senhor logo se enfraqueceu. Chamou-me a atenção a maneira como o senhor olhava a sua companhia. Era como uma pintura, os dois sentados à mesa, a moça enfadada e entediada, o devaneador ao seu lado, entretido nos encantos da bela jovem. Então eu pensei que o amor, igualando-se à dor da morte, deve ser o mais justo e universal dos sentimentos, pois até o homem de aparência mais insípida neste hotel é capaz de senti-lo. Foi uma imagem forte e bela, à sua maneira.

– Perdoe-me. Eu não sei como reagir a essa reflexão.

– Oh, por favor. Não tome como uma ofensa.

– Certamente não devo tomar como um elogio também. Talvez devamos concluir nossa conversa aqui. Com a sua licença.

Viro-me em direção a um dos boxes. Apoio-me na maçaneta como se não fosse capaz de me manter em pé. Com esforço, coloco um dos pés para dentro do cubículo e antes de fechar a porta, o rapaz a bloqueia. Abro a boca na intenção de protestar àquela afronta, mas ele se lança sobre mim violentamente, dando-me um beijo. Imediatamente, como se fosse sucumbida a outro lugar, a minha mente projetou diante dos meus olhos a imagem de uma cereja cortada ao meio, espargindo sangue. Sangue doce o da cereja. Tenra a cereja. Quente a cereja. A boca. A língua. O corpo inteiro tisonando. Quando ousei abrir os olhos, ele não estava mais lá. Verifiquei todos os boxes. Vazios. Dirigi-me à pia, abri a torneira, lavei a boca. Gargarejei. Cuspi. Cuspi tudo. Tudo mesmo. Até pensei em cuspir a própria língua. Ânsia de vômito. Tossi. Tossi. Engasguei com o vômito. Vomição vermelha. Sangue. Sangue em demasia. Tudo bem com o senhor? Perguntou um homem, ao fundo. Olhei para a pia. Sem sangue. Sem vômito.

Atordado, deixei o banheiro. O corredor. O restaurante. Uma gargalhada. Louis sabe tudo sobre o xamanismo. Ele viveu um tempo com os pataxós na Bahia. Era Paula em uma das mesas. Ao lado dela, o rapaz.

– Louis, este é Otávio Barreto. Lembra-se de que, quando criança, tive um irmão de leite? O irmão que há muito tempo não via e nem tinha notícias?

– Paula me falava de seu interesse pelas línguas indígenas. Eu mencionava que, enquanto viajei pelo Brasil, encontrei muitos grupos de índios que se viram obrigados a seguir uma vida nômade devido às disputas de terras com os fazendeiros. Inclusive, tenho contato com alguns que, segundo eles, são os últimos descendentes do que já foi uma significativa tribo em Pernambuco. Se for do seu interesse, posso promover um encontro entre eles e o senhor. Seria, imagino eu, engrandecedor a ambas partes.

Sento-me.

– Desculpe-me, são muitas informações de uma única vez – digo.

– Naturalmente – Otávio fita Paula, com um sinal de confirmação, ela balança a cabeça. O rapaz prossegue com a sua fala.

Quando a vi, há alguns minutos, assentada naquela mesa ao seu lado, eu não quis demonstrar, mas me pareceu estranhamente familiar aquele rosto. Inicialmente pensei que se tratasse de alguma colega da faculdade. Mas quando Paula se levantou e me olhou, foi como se uma luz se acendesse. Eu lhe dei um sorriso, mas não estou certo de que ela o compreendeu. Ela o retribuiu desconfortavelmente, provavelmente desconfiando de mim, e se foi. Eu levantei-me, fui ao *toilette*. Não custei muito e quando retornei ao restaurante um garçom me disse que, na mesa trinta e dois, uma moça me esperava. No percurso até o quarto, Paula lembrou-se. Ao lembrar, veio ter comigo. O mais engraçado é que quando fomos separados não tínhamos mais do que quatro anos. No entanto, nós nos reconhecemos, de alguma maneira. – Retira uma fotografia do bolso – Essa fotografia tem vinte e um anos. Reconhece essa criança nos braços do senhor de barba? É Paula nos braços do meu tio. No canto, a mãe de Paula me tem no colo. Os meus pais morreram no Gran Circus, em 1961. Só me restou um tio solteiro que, por coincidência, conhecia Dalva, mãe de Paula, que tinha uma filha da minha idade. Dalva se tornou a minha mãe de leite até o pai de Paula começar com os estranhamentos. Ele e o meu tio não se davam bem. Meu tio se mudou para o Rio, perdendo o contato com Dalva. Vinte anos depois, encontro com Paula em Recife. Não é de se impressionar?

– Muito. Principalmente por terem se reconhecido depois de tantos anos. Além disso, eram recém-nascidos.

– Louis... – Paula interveio – fale-nos sobre o tempo em que estive com os pataxós.

– Oh, não, Paula. Imagino que não seja de interesse de seu irmão.

– Vamos, Louis – Otávio encosta os joelhos na minha perna –. Conte-nos também sobre o congresso que está acontecendo.

Paula franze o cenho.

– Você sabe do congresso, Otávio?
– Se sei do congresso?! Ah, todos sabem. Afinal, não é esse um evento muito importante?

Muito bem, eu lhes disse. Contei tudo a respeito dos meus conhecimentos acerca dos pataxós e da minha apresentação no congresso. O assunto logo se voltou à infância e ao tempo em que Paula e Otávio estiveram afastados. O tio de Otávio havia morrido há dois anos, deixou-lhe uma considerável herança. Suspeito que o pai de Paula, se soubesse disso, arrepender-se-ia de ter enxotado os dois de sua casa. A pequena indústria de doces que tinha faliu, o velho vivia agora de uma miserável aposentadoria. Não pensou duas vezes antes de casar a sua filha comigo, herdeiro de meu pai, fazendeiro no interior de São Paulo. Cada vez mais eu afundava na cadeira. O tempo não passava. Os joelhos. Os malditos joelhos se encontrando em baixo da mesa. Os olhos verdes de Paula nos lábios vermelhos de Otávio. O pé de Otávio se movimentando pelas minhas pernas. A mão de Otávio no rosto de Paula. A minha mente girando como se estivesse sendo sugada por um redemoinho marítimo. Apareça amanhã pela manhã, estamos no 301, Paula disse. Mostrarei a você as ilustrações de *Juliette* e Louis poderá te mostrar a magnífica e primeira versão de *Madame Bovary*. Poderei também dar uma palinha das canções que estou compondo.

No quarto, Paula e eu, em silêncio novamente. Os cigarros, onde estão os meus cigarros? Paula batia as gavetas do criado mudo. Porra, eu nunca encontro os meus cigarros quando quero fumar. Paula entrou e saiu do banheiro, eu entrei e saí do banheiro. Paula estava fumando na varanda. Os cigarros estavam dentro da jarra, ela disse. Eu já não quero mais fumar. Vou dormir. Paula se deitou na cama, ao meu lado. Suspirou. Abraçou-me.

– O que está fazendo?
– Abraçando você.
– Você nunca faz isso.
– Tem razão.
– Você também não canta suas canções.
– Tem razão.
– Você sempre diz que são umas merdas emotivas que lhe envergonham quando lê em voz alta.
– Tem razão.
– Por que disse que iria cantá-las?
– Não tenho vergonha do Otávio.
– Você nem o conhece.
– Como não? Somos irmãos.
– De leite.
– E o que muda?

– Passaram-se vinte anos. Os dois são outras pessoas. Como você pode tratá-lo como se a última vez em que se viram fosse há dois anos? Não estou gostando nada desse reencontro.

- Você está com ciúmes, Louis?
- O que acha?
- Não sei.
- Não sabe?
- Você é louco, Louis. Otávio é meu irmão. É doentio.
- Você o vê como irmão?
- Como mais o veria?
- Há muitas formas de se ver um homem.
- Deus do céu, Louis. Eu vou dormir.

Indiscutivelmente era outra. Os peitos durinhos se esfregavam às minhas costas. As pernas entrelaçavam-se às minhas. Um dos braços envolvendo-me a cintura. O corpo pressionando contra o meu. Eu me dei conta, então, que aquela houvera sido a primeira noite em que Paula quis, verdadeiramente, dormir comigo, depois do casamento. Mas isso não me deixava satisfeito, muito pelo contrário. Cada toque afetuoso seu me atormentava como se fosse um mau presságio.

A manhã seguinte foi ensolarada e melodiosa. Uma canção funesta invadia o quarto. Na sacada, os dois irmãos, conjuntamente, davam ritmo a uma das letras escritas por Paula. Ainda nem eram sete da matina. O despertador marcava 06h36. Joguei o robe sobre o corpo e me juntei aos dois. Otávio soprava uma flauta de madeira, enquanto Paula dava voz à música. Quando me viu, Otávio fez sinal para que me sentasse ao seu lado. Assim o fiz, juntando-me à cantoria. À noite, estendemos a discussão sobre a abordagem do amor nos filmes da nouvelle vague. Para mim, era essa a incontestável prova de que faltava ao cinema francês roteiros criativos. Otávio, defensor exímio da proposta do cinema godardiano, via na simplicidade dessa abordagem uma complexidade que, segundo ele, era mérito da genialidade do cinema francês. Paula, é claro, concordava com o irmão. Bebemos, comemos e rimos como se fôssemos três adolescentes. Éramos os últimos no restaurante quando Paula começou a rir sozinha, sem nenhuma piada que lhe motivasse. Compreendi que já era hora de levá-la de volta ao quarto. No corredor, despedimo-nos de Otávio e o convidamos para que, na próxima manhã, tomasse café conosco. Paula se atirou na cama, Otávio lançou pela fresta da porta um olhar preocupado a ela.

- Não se preocupe – Eu disse –. Ela só precisa de uma boa noite de sono.

Otávio olhou para os próprios pés, como na vez em que nos falamos no banheiro.

- Eu não virei tomar café da manhã com vocês.
- Entendo. Você deve ter outros compromissos. Eu nem sei por que não pensei nisso antes. Podemos deixar o café da manhã para outro dia.
- Não é isso, Louis. Antes do nascer do sol, eu cairei na estrada novamente.
- Ora, mas por que não nos contou antes? Paula gostaria de ter se despedido.

– Não disse antes porque só decidi que partiria enquanto deixávamos o restaurante.

Eu não posso mais fingir, Louis. Eu estou preso a isso, entende? Não é justo que eu me intrometa dessa forma no relacionamento de vocês. Eu sequer deveria ter tido com Paula quando a reconheci. Eu não faço mais parte de sua vida. Eu sou uma memória e estou consciente de que isso é o mais significativo que eu posso ser. Não ousou querer mais do que isso. Admito que quando eu os vi, naquela noite, como se fossem uma pintura, uma música, um livro, eu quis fazer parte. Sou mal intencionado, Louis. Sempre fui. Não pense que me aproximei sem propósitos, apenas como que dado à mera justiça do destino. Eu quis te destruir, entende? É inerente a mim causar danos nas pessoas. É uma necessidade. Mas o que iria eu fazer a Paula depois, quando te arruinasse?

Como antes, não consegui encontrar resposta à altura para o que havia dito.

– E para onde vai?

– Não sei. Lima, no Peru. Buenos Aires, talvez.

– Muito bem... sorte, então.

Otávio sorriu e se foi. Fechei a porta, aliviado. Ninguém mais poderia saber o sentimento de libertação que me percorria o corpo, a alma. No entanto, senti também desolação, semelhante ao sentimento de quando você sente que algo grandioso está prestes a acontecer, mas é frustrado. Estranhamente, uma parte minha foi levada com aquele adeus de Otávio. Deitei-me ao lado de Paula, coloquei meus braços sobre a sua cintura e entrelacei minhas pernas às suas. Paula me rejeitou. Empurrou-me para trás e começou a soluçar como uma criança.

Eu odeio você, Louis. Oh, Deus, como eu o odeio, dizia ela em meio ao choro. Ele se foi, não é? Otávio se foi. A culpa é sua. É toda sua. Você e seus ciúmes idiotas. Ele só queria estar com a gente, você não entende. Você é um animal, Louis. Eu me casei com um grosseiro. Você não sabe o que Otávio representa para mim. Você não sabe.

Eu a abracei ainda mais forte, mesmo contra a sua vontade. Ela se esquivava me chamando de imundo, de palerma, de horror, de demônio. Encostei a cabeça em seus peitos durinhos enquanto todo o seu corpo me renunciava. Ela gritava inúmeras ofensas e tudo o que eu conseguia ouvir era o meu coração dizendo o quanto eu amava a minha esposa. Os olhos verdes furiosos eram o que eu mais apreciava em Paula. 

já era noite
por isso paramos

mas antes esperamos toda a tarde cair
em silêncio
apenas as vozes e o tom
do tempo

Soneto de Circo

Não é este o caso, menino de circo, meu choro me cora,
me coloque cá embaixo do trapézio, tenho medo de altura,
Quero que me esmaguem sem pena de ver o estrago,
Deixei a vida de cama elástica pisada indo e voltando.

Veja só, menino de circo, que desperdício desses artistas,
E eu, que tenho dom pra arte, parece que nasci pra ser palhaça,
Vou embarcar sem volta na trupe do Carnivale
e fazer fortuna de fome com aquela família esquisita.

Vida infortunada, no circo, vivo a atuação de mim mesma,
E sem peso na consciência, tropeço em falso no delírio,
que viaja solto no vagão desse trem fazendo história.

Eu nada sei de circenses, marmelada ou espetáculo,
Nada sei de soneto monostrófico, nem italiano,
esse é só orgulhosamente apresentado como um soneto de circo.

bárbara
Bento

*

No limbo dos meus afetos,
refúgio da impermanência
ergo muros de concreto.

Erga omnes, todos reclusos
na deliberação de quem governa
o que sempre foi difuso

Ali, vivo,
No tempo fora do mundo
Eterno alívio

No qual fico
Arrisco
Não há risco

Nenhuma perda acessória
Só rio, por um instante
Eternizado na memória

Nada de novo,
logo se esvai o espasmo
Resta o corvo.....

never more, never more, never more.....

Cogito ergo sum
Precário molde do que não fui
sequência que influi

no menu que não escolho
Paralisado no ato
estraga no prato

O alimento passado
que mata a fome de morte
que sorte !

Excreção de santidade
Tripas em evidência
Exceção da sanidade

Desnuda alma,
nos olhos daquele
que nada vê.....

Desnuda a alma
Do não-ser petrificado
Inocente útil
Do futuro no passado....

Limbotomia



Foto de Cristina Prochaska
Cemitério de Recoleta – Bueno Aires

cafe ou achocolatado

geovanne otavio
ursulino

*

tilapia arroz branco vinho seco
jantar de sabado
rum cigarros
noite de sabado
amanha nao ha comercio

dormia: o telefone tocou
madrugada de sabado
era voz de mulher:
`topen`
instantes de silencio
`nao reconhece minha voz?`
nao: nao sabia quem era

`o q quer?`
`onde dormir`
:caram quem ligava
depois de tudo?
pedindo abrigo?

quis manda-la aos diabos
`pega um taxi e vem:
tou morando no...`
me interrompeu
dizendo meu endereço
andei pelos cantos da quitinete
chutei e soquei o ar
berrei palavroes
enchi o copo de rum
:a qualquer instante
ela tocara a campainha

`entra: pegarei roupas secas`
foi tudo o q consegui dizer
o q mais poderia?
queria manda-la pro inferno
:so peguei roupas secas e toalhas
ela tava esbagaçada
ronchas nos olhos cicatrizes nos braços
suja bafo de alcool
pernas cheias de marcas
nao era caram: nao a q conheci

enchi minha caneca de cafe
fiz achocolatado quente
caram odiava cafe
:nossa grande discordordia

a esperava sair do banho
:nao pude pensar em nada
:nao pude dizer nada
saiu nua
de quem era aquele corpo?
nao sei o q senti
pena: mas o odio era maior
pele acinzentada
:sem vida
so a carcaça vazia
:uma ausencia interminavel
se vestiu ali mesmo
sem levantar o olhar
:sua altivez tao elevada tava no chao
me regozije

`sempre q transo com alguem...'
`não quero saber' interrompi
`...penso em voce' me ignorando
`penso no q nos aconteceu
o mundo nao foi bom comigo'
`por q me procurou?' interrompi
`larguei tudo: acabei na rua
definhei ate o inferno'
`por q a mim?' interrompi
`queria onde dormir ha dias
durmo sob a marquise do lado'

nao senti compaixao
caram merecia muito mais

depois do vinho
depois dos demonios
quando vi: olhava na podridao daquela alma
quando vi: tavamos embolados trovejando

**

domingo: noite de domingo
o vinho acabou
o rum ta no fim
inda tem cigarros
caram ta morta
atravessei a faca na garganta
:caram sabia
:eu sabia
:sabiamos desde o inicio
pra q mais me procuraria senao
pra acabar com sua vida de verme?
nossa doença tava nos matando

ultimo rum
ultimo cigarro
derramarei meu sangue sobre caram
– quem me matou antes mesmo de mim

*

sobre ombros nao mais q quatro toneladas
inda assim danço sorrindo enquanto
membros sao mutilados
começando pelos dedos esquerdos
ate restar somente destros
logo: nem destros
sobre destroços o sangue escorre vivo e quente
a musica a dança nao param: nao podem parar
os q inda nao arrancaram fora suas linguas:
cantam a musica dos pais de seus pais
os ja sem lingua berram sons bestiais
agora braços pernas:
começando pelo esquerdo:
ate nao haver esquerda ou direita
a dança nao para: o alcool tambem nao
a esta altura: todos berram como bestas
os corpos se contorcem entre si
sem pernas braços boca ou lingua
sangue esperma substituem o alcool
macho femea preto branco pequeno grande
ja nao ha: ja nao houve: ja nao é
olhos viram ardentes em brasa:
a vida inflama a cada cigarro:
o mundo gira como jamais antes
o vomito adiciona seu azedo amargo
ao ar tomado por suor e esperma

**

o sol
insolente como todo bastardo
desponta no horizonte de fumaça

as roupas sao vestidas:
as brasas sao apagadas:
a musica é silenciada:
a dança é abortada

o horror é sempre este –

nao
pode
parar

geovanne otavio
ursulino

alberto lins
caldas

verso
poema

a força, a tradição, a literatura

a experiência da tradição não pode mais nos dar nem os frutos da tradição nem a tradição dos frutos: nem a massa tradicional nem a negação da tradição: nos resta o gesto vital e fundador de enfrentar o horror com todas as armas da literatura.

o viver continuado na "máquina tribal" (a nossa tribo, o "ocidente", o "capitalismo", a "cristandade" – isso agora mundo) despotencializa a força da narrativa por despotencializar, antes, a força, ou melhor, no nosso caso, a narrativa da força, deixando só o usufruto, o consumo ruminante de mercadorias e das forças já fracas tornadas suco de laranja.

a força da narrativa se tornou também e só um suco de laranja, uma mercadoria aguada pro consumo de classes médias loucas por água com açúcar.

a narrativa da força foi passando, não é mais força narrada, mas força fraca, força vencida, a última força, "o fim das forças".

o poema, em toda sua grandeza épica, trágica, narrativa, carnal e dramática passou pela entrega ao nada de nada do suco de laranja. castrado, ele há muito tempo é só verso, poesia. prosa se tornou best seller e a poesia, essa coisinha patética e tolamente egóica, se tornou pastiche de um "eu" esgotado inteiramente no século xix e ainda continuando por inércia ridícula ou paródica, essa coisa q não existe sem algo maior ao seu lado.

num mundo de forças fracas, forças reativas – criar uma narrativa da força, criar uma força da narrativa, é um feito doloroso e profundamente alegre. a força da narrativa só se potencializa quando produz e é ativamente a narrativa da força, força menipéia, dionisiaca, vital – esse passo além do mercado, contra deus, o estado, o povo, a língua. mas é preciso estar dentro, diante e com as forças e não apenas inventando uma força, delirando forças, punhetando o "escrever bem".

a classe média, enquanto “classe produtora de intelectuais e artistas”, olha de longe a força criadora do existente, como aquele q olha e não sabe o q acontece, sendo apenas descritor, jornalista e sociólogos travestidos de escritor. a força da narrativa decai a níveis mínimos. o afastamento do libertino das potências de produção do existente levam o verso a ser apenas um recado, um textícuo, uma mensagem, uma prosa aguada, algo degustável, algo apenas algo, uma poesia (essa coisinha desgastada e de “funcionário público”), esse minúsculo diário e nada enfrenta. nada disso pode se tornar literatura, poema, senão numa dobra de força, numa torção violenta e perversa criando outra perspectiva.

um gesto de mudança e diferença não é feito pela crítica, pela teoria, pelo saber, mas pelo reposicionamento prático na vida, do corpo na escrita da vida, essa vida mais profunda q não se confunde com a “minha vida” nem a “nossa vida”, mas com os fluxos mais profundos do viver nosso. uma torção da coragem e da indignação, uma torção de enfrentamento.

o verso o poema

*. o verso é o domínio do eu, daquela dimensão do íntimo, do pessoal, aquele centro criado lentamente no século xviii e fortalecido no século xix e q sempre serviu como expressão dos letrados, dos apaixonados, dos estarrecidos consigo mesmo, com sua vida e o q lhes acontece (quase pensamento): é dimensão literária camuflada das cartas, dos diários, das mensagens, dos desabafos e sentimentos, das crônicas camufladas;

o poema só existe quando instala o impessoal, o dialógico contra o monólogo – o monológico, quando fabula, quando instaura ficção, q não é nem imaginar nem projetar um eu: o poema só começa quando nasce uma terceira pessoa q destitui o libertino do poder de dizer eu (bakhtin, deleuze) e se configura uma ficção densa voltada e vinda do enfrentamento do horror: seu lugar é no mundo, entrenós, atuação essencialmente política.

*. não é um “miniconto” – é um poema. um “miniconto” é apenas uma historinha, uma variante da “prosa”, uma crônica, isso tão querido pelos poetas porq são eles quem falam (a primeira pessoa é sempre o verso camuflado, incapaz de se jogar num enfrentamento, a primeira pessoa da classe média, dos letrados, dos q seguem o “poder central”, o “sistema de crenças da nação”, a anulação do poder da escrita, sempre). também não é poesia porq isso se estragou irreversivelmente há muito e só restou uma escrita fraca, egóica, impotente, repetitiva e vazia, gozando pra ninguém. e o poema parecer com o verso é só um momento fantasma.

*. o poema é a repotencialização de uma escrita q “antigamente” seria chamada de poesia, mas q hoje não vale mais, não significa nada mais a não ser numa chama pálida de teóricos e na ciranda dos q “adoram poesia”, e não por “não vender”, mas por absoluto esgotamento e servidão.

*. a poesia fica com o verso, o poema se separa, retoma um velho caminho onde a densa “força da narrativa” advém em ser constitutivamente uma “narrativa da força”. o verso está irremediavelmente envolvido com o “eu”, com as perspectivas limitadas e tolas do eu, com os desejos, as ilusões, as minúsculas dores e ideias do eu. o poema é um enfrentamento político do horror, um enfrentamento do real – o poema é, antes de tudo, política, uma configuração do horror.

se o poeta precisa dizer alguma coisinha do seu “eu” e da sua vidinha, crie, invente, instaure uma guerra de troia pra dizer e esconder, pra expor e tornar grande sua pequenez, a insignificância de sua sensação-zinha (é óbvio q minha vidinha, meu eu-zinho é o centro do universo: daí o verso, a poesia – jamais o poema, q é a força de inter-ferir, de ferir desde dentro, de repetir a monstruosa ficção do monstro pra ferir desde dentro). isso faz di-ferir o verso do poema. há mais de 200 anos (talvez essa tolice seja bem mais antiga ou uma inescapável condição estrutural) q a poesia essencial e bruta só cuida desse euzinho e suas tolices num mundo também egóico e esquizoide, mundinho dos letrados cheios de dor e alegria, extasiados com seus minús-culos acontecimentos, num redemoinho monológico estarecido em seus monólogos q só aparecem como diálogo.

*. esse “eu” é sempre tolo sem saber (é um ruminante do q já foi sentido, vivido e escrito desde meados do século xviii – os poetas não sabem q o eu-zinho não é infinito), sempre fantasma de outros eus sem saber, banal, crente, integrado, cristão, ateu, funcionário e covarde sem saber. sempre nacionalista, sempre de uma terra, de um povo, de um “momento histórico”, de uma língua (a de deus, do estado, da nação e sempre de mamãe e de papai). a língua portuguesa é a língua do senhor. não adianta escrever como “marginal”, nem criar um patuá ilegível, ou camuflar a subserviência. o poema exige uma posição excêntrica, uma loxografia (o poema é loxográfico).

com isso não tou falando dessa gosma integrada, morna, adoecida das multidões de poetas, mas dos “grandes poetas” (não se consegue dizer nada dos miúdos porq os grandes são apenas grandes no imaginário em busca de reconhecimento dos miúdos). neles se expressa a mesma vontade de dizer como estão, como vieram a ser, como vivem, no q acreditam, no q sentem sobre as coisas mínimas deles mesmos e do grande mundinho: a diferença dos miúdos poetas é apenas pertencerem a “redes culturais de poder” q os colocaram em suas “posições maiores”. mas a tolice é a mesma, mais perigosa, mas a mesma. seu eu-zinho se torna exemplar, modelo de excelência, se torna federal, nacional, estatal, mercantil – posições sonhadas pelos miúdos em busca de se tornarem o “funcionário do mês”, o “trabalhador do ano”, o “poeta federal” (a mórbida e obscena necessidade de reconhecimento dos servos).

*. uma coisa óbvia como pensar q o poema expressa (essa palavra tão querida dos poetas) a interioridade do poeta só acontece naqueles q são poetas (os q fazem poesia, os abismados no eu), naqueles q expressam o esperado, o sentido por todos, o tradicional, o crente (em deus, na natureza, na história, na sociedade, na pátria, no povo, no amor, no ódio, na língua, na família e no amor).

*. o poema tem tanto a ver com interioridade quanto uma vaca tem a ver com a ideia de ruminante. o poema é a verdade da linguagem, da fala, do corpo enquanto aquilo q vigora em ação, em enfrentamento político do real e suas configurações: o poema é linguagem em luta, linguagem indignada dizendo batalhas, agonias, impedimentos, configurações do horror na medida da sua essência (linguagem não pode coincidir jamais com aquele q é o “responsável jurídico”, o autor – essa ilusão policial, religiosa, educativa: a linguagem é a “guerra de troia”, não o eu-zinho e suas dores, é ficção enfrentando as ficções constitutivas). nada a ver com um eu, um sujeito, uma interioridade (essa doença religiosa e literária perfeita pra figura serva do “funcionário público”, figura escrava do trabalhador – não há interioridade fora das “relações burguesas de trabalho”), uma “profissão de escritor”, a busca pelo reconhecimento tradicional de servos, escravos e servidores: nada faz babar mais q um reconhecimento.

*. o poeta é aquele q é absolutamente inocente (não só ignorante do essencial, da essência, mas burro – o empacado, o imóvel, o q resiste com sua normose: o eu é sua âncora q se ancora no conhecido e aceito: o poeta recita, o poeta gosta e precisa de aplausos, o poeta brilha, o poeta canta, o poeta tem alma de purpurina, o poeta se alimenta de metáforas, o poeta brilha em todas as terras, o poeta é uma besta): o poeta é sempre fascista, é sempre uma dimensão direita.

*. o verso é fruto de uma “vontade”, uma “inteligência”, um “talento” (esses fantasmas, esses álibis do eu, essa expressão maior da normose e da metafísica essencial do “mundo do capital”): um corpo fraco q goza nessa e dessa fraqueza tentando fazer disso uma força de reconhecimento: vejam, sou um bosta, mas brilho, sou capaz de voar, sou um bosta, mas tou aqui dizendo q sou mais.

*. o poeta é o silenciador, aquilo q silencia a linguagem porq faz parte dos processos de silenciamento e enfraquecimento da linguagem, enfraquecimento da língua divergente, da língua q se abre em diálogo e negatividade, aquele q aceita, concorda e mantém as força do horror – o poema é narrativo, posta um narrador q não é o poeta, o poema é não é lírico, o poema só é poema quando se insurge, quando se dobra raptando as dobras perversas do horror.

*. o q é possível é criar uma favela literaria (um poema favelar, faveloso, favelante), a q é feita dos múltiplos pedaços das casas dos senhores, dos servos, dos servidores, partes da cidade q se desmantela, a cidade capital, a cidade do trabalho, a cidade língua: poema favela. apenas essa posição ativa o enfrentamento. parece português mas é favela linguística, é favela literária. longe de uma literatura marginal, q não passa de um pastiche acomodado das culturas do senhor.

*. o poema é loxográfico: oblíquo, equívoco, inclinado; torto, tortuoso, vesgo, indireto/direto/indireto, malicioso, dissimulado, ardiloso; transversal; ambíguo, dúbio, duvidoso; q desperta suspeita; engano, erro; fora de prumo; curvo, envergado, dobrado; atraído, seduzido; vencido; tem má índole, tende pro mal; o q sai dos limites: esquerdo, esquerda: libertino, liberto.

o libertino é loxográfico, o libertino é esquerdo, é vândalo: é o q se libertou, o liberto.

o poema é trans-a-gressivo: é um constante levar ao limite, um intermitente afastar os limites: o poema é um ataque pornográfico, esquerdo, loxográfico - a poíesis (a máquina tribal). precisamente por isso não é branco, não é negro, não é mulher nem homem, não é homossexual, não é brasileiro ou chinês: ele só é quando não é e se instaura contra o q é, tudo o q é – ele é menos q nada.

*. o poema luta contra o presente, contra as configurações, as cristalizações do presente, o horror do presente, sempre do presente - dessa maneira busca sua essência, sem afundar no agora e suas modas, tecnologias e costumes: o poema é político. 

Qualquer dia desses
Sentarão em nossa mesa
Beberão de nosso vinho e comerão nossa comida
Como se fossem nossos convidados

Qualquer dia desses, entrarão em nossas casas
Dormirão em nossa cama
Partindo pela manhã, com a promessa de voltar
Como se fossem convidados

Qualquer dia desses
Não haverá mais nada a oferecer a nossos convidados
A comida e a bebida, a muito teve fim
Já levaram nosso suor, nossas lágrimas e sangue
E nosso nome, já é dos convidados

Quando o dia chegar
Dentro de nossas casas
Nos convidarão a mudar
Como se fossemos bêbados no fim de festa
Vivendo da alegria ébria, que logo há de acabar

E sobre nossas casas
Erguerão novas festas
Para outros convidados
Pois o espetáculo, esse não tem fim

ana
Dantas

os amigos?
venderam-se na guerra

por causa da guerra justificam
o baixo-preço

já não se sabe quem ser ao acordar nas manhãs

o que temos mesmo a fazer é
acertar o alvo:
oco vazio e dormido
do espelho à frente

**

quando meninos, em sonho, acreditam-se
guerreiros

Hoje faz uma semana [se bem me lembro
Que vieram aqui do nada
E quebraram seqüenciadas as gaiolas

Não que houvesse desconfiança
Ou o barulho incomodasse alguém -
Sou queridíssimo na vizinhança -
Mas foi assim do nada que veio o quebra-quebra

Depois do repentino quebra-quebra
Sinto como se tivesse perdido algo
As gaiolas foram quebradas e queimadas
Mas o que realmente me faz falta
- Chega falar - são os passarinhos

Até que eu fazia um dinheirinho
Com o que eles cantavam e as trocas também
Mas acho que o que me faz falta mesmo
O que me faz sentir no fundo não seja
Nem o dinheiro nem as gaiolas ou o que ganhava

Mas vê-los presos assim acho que
Eu gostava de comandá-los
Minhas regras nas jaulas nas gaiolas

quebra
-quebra
{passarinho

Talvez sem querer eu mesmo tenha chamado
A polícia os guardas a guerrilha
Que quebrou e ateou fogo em tudo

Nem sei bem como vieram
A cor da farda da faca da força do revolver
Mas posso confessar que até agora sinto
Falta de tê-los - os passarinhos - comigo

Como se eles já soubessem o que cantar – incrível! -
De acordo com a luz com o humor q’eu acordasse no dia
Na noite que me rebentasse

Já sabiam; estariam em coro arrumadinhos
Pro meu choro meu gingado bem eles eram
Como se fossem parte de mim

Não as gaiolas as gaiolas não
Elas queimaram
Mas os passarinhos
Os passarinhos voaram soltos
Os homens maus liberaram todos

Talvez tenha sido até denúncia!
Eu ganhava dinheiro com eles mesmo

Ou talvez tenha sido eu
Sentindo passar meus cinqüenta e quatro anos pesados
Já não tinha mais animo em manter
Quase um coral inteiro de passarinhos arrumados
Presos
A fazer o canto do meu âmago

Talvez tenha sido isso mesmo
!Fui eu : confesso
Chamei os homens da lei!

Senti-me velho demais e os chamei -
Velho demais pras gaiolas
Pras trocas pros passarinhos presos
A olhar-me
Como se estivesse ao espelho -

Como se os passarinhos a espingarda
A lei a gaiola a idade
Fossem todas partes
Da minha insana vontade
De ser jovem pra sempre

ouvia,
por procrastinação e diletantismo
anotando sonhos nas entrelinhas de jornalecos
escritos banais e linguagens corriqueiras
vivendo as mesmas emoções de Prometeu
quando fez o homem com argila e água

ouvia,
enquanto Carlos Frederico engolia alguns sapos
diante do mal estar de Da Sillva Callado
servindo angu de cevada e chá de erva doce
por ser filho de meretriz
aprendi a viver um tipo de eremitismo
pude ver o legado que um bastardo pode herdar

ouvia,
enquanto Prometeu fizera amizade com seu algoz
um corvo adestrado pela perversidade
da misteriosa dama do século vinte
o mesmo corvo que atormentou Hamlet
em sua velhice eremita

em sua perversidade a misteriosa dama
soubera que o velho não perceberia
o corvo estava ali para mostrar-lhe
a sua incapacidade de ficar em silêncio
Hamlet, mesmo quando mudou de nome e endereço
não se livrou de suas perturbações

Assim eu Jouvía Zaratustra

segunda
parte

eliasquim
Timóteo
da Cunha

ouvia,
os suspiros dedicados misteriosa dama
enquanto gargalhava de seus fantoches
crentes na certeza que entendiam suas intenções
patinavam nas fugas e metáforas da misteriosa dama

ouvia,
enquanto aceitava-me como sou
por muito sonhei: viver em vários lugares
quando vivi em muitos lugares que sonhei
lavei as janelas da alma e vi um mutilado, um sem lar

enquanto minha geração dizia
viver sonhando entre grutas e corais
entre os nômades dos mares
entre os fazedores de deserto
fabricávamos alças, forcas e laços

de quando em quando alçávamos forcas
por vezes enforcávamos muitos dos nossos nós
sonhos, falas, dizeres e viveres

entre dúvidas com todas as forças laçamos as incertezas
entre grutas e corais remoemos e remoemos...
sonhos, falas, dizeres e viveres

ouvia,
quando Carlos Frederico curava uma indigestão
enquanto Hamlet enxotava um corvo
a misteriosa dama do século vinte gargalhava
nós estávamos ali
com garras e unhas nos atracamos nos nossos nós

Proibido manicure

bárbara
Bento

Fim de noite, foram-se todos,
Foram-se as unhas,
Roendo as unhas, troquei ideias,
Roendo as unhas comi o tempo,
Pulou então o sangue,
Pulou a cobra da toca, da calça,
Da calça *jeans* do homem sentado,
Todos se alardearam!
- Isso é comum- uma senhora disse,
Uma senhora de preto, que já não existe,
Que roí também suas unhas sem pena.
Fim de noite triste chegar em casa sem unhas,
arranquei até ferir,
arranquei até o ventre,
A cobra de bermuda,
eu já não entendia,
-Tudo é questão de gosto-
a velha senhora dizia olhando a cobra do banco
Enquanto penso roo mais um pouco,
Pula a pele teimosa me chamando a roer de novo,
Mas se insisto é porque ela volta,
Assim como a unha que mastigo,
A minha vida é só estrago,
Roo em protesto e depois dou sumiço.

Jangadeiros

A força de quem agarra nos próprios punhos o que move a sua vida. Que levanta a bandeira do seu sustento e da sua luta diária. Da sua resistência! De um povo que para além de ter seu meio de ganha-pão como símbolo turístico, carrega junto a ele toda uma história, toda uma vida, toda uma tradição. Jangadeiros!

joão
carlos
Lima.de
Morais



Vive em Maceió, é
astrofísico, músico e
graduando em História.

Paulo
César
Moreira

Vive em Maceió, é bacharel em
História pela Universidade Federal
de Alagoas e arqueólogo.

Jarisson
Albuquerque

vive em Maceió e escreve no blog
Amorfo Poema:
amorfopoema.blogspot.com
e-mail: g.o.ursulino@gmail.com

geovanne otavio
ursulino

elizaquim
Timóteo
da Cunha

Vivendo no lavrado de Macunaíma, tem completos 25 verões
amazônicos. Graduação em Ciências Sociais e atualmente é
estudante de Mestrado em Antropologia Social PPGAS/UFAM.
Exercita alguns rascunhos de devaneios literários, viajando
entre vírgulas e reticências à procura por uma ironia radical.
E-mail: cunha.antropologia@gmail.com

bárbara
Bento

Nascida em 1993, Maceió-AL, reside no município de União
dos Palmares, mesmo estado. Formada em Magistério e
graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal de
Alagoas, adora escrever no seu blog A doce intuição de
Vênus, e troca facilmente chocolate por livro.

alberto lins
caldas

publicou os livros de contos "Babel" (Revan, Rio de
Janeiro, 2001), "Gorgonas" (CEP, Recife, 2008); o
romance "Senhor Krauze" (Revan, Rio de Janeiro,
2009) e os livros de poemas "Minos" (Íbis Libris, Rio
de Janeiro, 2011), "De Corpo Presente" (Íbis Libris,
Rio de Janeiro, 2013), "4x3 - Trílogo in Traduções"
(Ibis Libris, Rio de Janeiro, 2014). Blog:
www.poemasalbertolinscaldas.blogspot.com

sobre os autores

leonardo
Amando

Vive em Brasília, é gestor público, graduado em Administração de Empresas e pós-graduado em Administração Pública pela FGV-RJ, e em Gerenciamento de Projetos pela UNESA-RJ. Escreve na plataforma Filosofia do Desing: <http://filosofiadodesing.com/autor/leonardo-amando/>

ana
Dantas

Vive em Maceió, é poetiza e graduanda em bacharelado em História pela Universidade Federal de Alagoas.

richard
Plácido

Graduando em Letras pela Universidade Federal de Alagoas. Atualmente, o escritor é integrante do Laboratório SESC de Criação e Expressão Literária.

Venceu, nesta ano, em primeiro lugar no III Concurso de Contos Arriete Vilela. Em 2014 ganhou em terceiro lugar. Trabalha, atualmente, como professor de língua portuguesa.

Luiz
Felipe

joão
carlos
Lima
de
Moraes

Alagoano de Maceió. Bacharel em História pela Universidade Federal de Alagoas, onde participou do Núcleo de Ensino e Pesquisa Antropológico (NEPA). Na mesma instituição de ensino, desenvolveu um trabalho de Ilustração Científica junto a um grupo de pesquisa do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde (ICBS), o que colaborou para a sua participação no curso de extensão em Ilustração Científica na Federal de Minas Gerais. Atualmente é graduando em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e divide o tempo entre estudar, trabalhar e tatuar.

sobre os autores

de zem bros

Alagunas Extraordinária é um espaço dentro da Revista Alagunas para publicação de edições exclusivas de autores ou temas específicos: publicando conjuntos de poemas, contos, ensaios, crônicas, assim também como novelas e romances. Como parte da Alagunas: Alagunas Extraordinária mantém a mesma lógica editorial e o propósito de existir da Revista. Tornando esta mais uma possibilidade de enfrentamento.

Com lançamento previsto para o dia 13 de dezembro de 2015: *Dezembros* será a segunda edição Extraordinária da Revista. Edição constituída por poemas dum conjunto de poetas convidados por Alberto Lins Caldas, membro do Conselho Editorial da Alagunas – este atuando como curador da edição.

revista.
de criação
literária

ISSN

2447-1003

